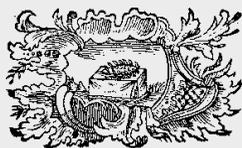




*Dissertação*  
*Física*  
*sobre a antiga*  
*União e Separação*  
*do Velho e do Novo*  
*Mundos,*  
*e sobre o*  
*Povoamento das Índias Ocidentais;*  
*com uma*  
*Pesquisa Física*  
*sobre a*  
*Origem dos Lagos,*  
*realizada por*  
*J. W. C. A. von Honvlez-Ardenn,*  
*Barão von Hüpsch-Lontzen*  
*zu Krickelshausen.*



*Colônia sobre o Reno,*  
*Por Johan Heinrich Harz, à Rua Larga*  
*Em nome de Jesus 1764.*



Se bem se considerarem os povos das Índias Ocidentais, é muito provável que sejam uma gente mais nova ou mais jovem que os povos do Velho Mundo. E é muito mais provável que a destruição que ali já se viu não ocorreu por terremotos (como o sacerdote egípcio disse a Sólon em relação à ilha da Atlântida, tragada por um terremoto), mas que em realidade elas foram desoladas por um dilúvio particular. [F. Bacon,<sup>2</sup> 1638. *Sermones fideles interiora rerum*. Cap. LVI].

Alteza Real, Reverendíssimo Príncipe e Duque, Anton Ignaz,  
Príncipe do Sacro Império Romano, Preboste e Duque de Elwangen,

Conde Imperial Fugger zu Kirchberg e Weissenhorn, &c. &c. &c.  
Meu magnânimo Príncipe e Duque.

Estimadíssimo Príncipe Imperial, Gracioso Senhor!

O profundo conhecimento de história de Vossa Alteza, vossa particular e altamente digna propensão pela erudição e por seus cultivadores, que, com toda a razão, estimam-no como a um pai, são motivos suficientes para que eu tome a liberdade de dedicar a Vossa Clemente Alteza, com o mais profundo respeito, esta importante matéria sobre a ciência da história assim como também das ciências naturais.

As ciências naturais, venerável príncipe, especialmente a história natural, por vezes brindam-nos com documentos tão excelentes quanto aqueles da diplomacia, para explicar, ou melhor, para elucidar, um grande evento. A união do Velho e do Novo Mundos e o povoamento das Índias Ocidentais são um ponto útil e importante da História,<sup>3</sup>

através do qual podemos admirar e venerar, com a devida modéstia, o admirável governo e os extremamente sábios desígnios de Deus. E como a história nos dá escassas provas desse fato, a ciência natural oferece-nos motivos para sua confirmação, através de experimentos e conclusões lógicas. Assim, o Sr. Wolff<sup>4</sup> atribui à natureza, com toda razão, a virtude de conceder à alma uma felicidade tão portentosa que nenhuma outra no mundo se lhe iguala.

Que imortal louvor não honrará um príncipe e um judicioso Regente que elege a erudição, a alma de todas as nações, como sua principal ocupação? Vossa Alteza Excelentíssima, sem lisonja, sempre evidenciou essa escolha altamente louvável, pois sempre se dignou dedicar muitas horas de lazer ao inocente prazer da leitura das melhores obras históricas e dogmáticas.

O ilimitado conhecimento de Vossa Alteza dos escritos históricos, vossa perfeita percepção dos diversos elementos da erudição, a organização de uma suntuosa biblioteca, vosso benevolente acolhimento (com que condescendeis receber os amantes das ciências amáveis), vossa magnânima maneira de pensar, vossa rara virtude da inteligência e outras grandes qualidades, constituem, portanto, provas evidentes de um honrado soberano, de um respeitável mecenas e de um augusto promotor das Ciências e das Artes.

Que o Soberano do Mundo abençoe o Reino de Vossa Alteza e coroe seu persistente esforço, através do qual se lançará a base de um geral bem-estar. Que Ele mantenha também Vossa Alteza Clementíssima até a mais avançada idade e em perfeita saúde para o conforto do mundo sábio e a alegria de todos vossos fiéis súditos, o que peço a Deus com fervor, recomendando-me humildemente à benevolência de Vossa Alteza, sendo, com o mais profundo respeito,

Magnificentíssimo Senhor, Reverendíssimo Príncipe Imperial,  
O mais humilde servo de Vossa Alteza Clementíssima,

Colônia sobre o Reno  
20 de Dezembro de 1763  
O Autor



*Dissertação Física*  
*sobre a*  
*antiga união e*  
*separação do*  
*Velho e do Novo Mundos*  
*e sobre o*  
*povoamento das Índias Ocidentais*

§1. Por Velho Mundo entendemos aquelas 3 partes do Mundo, chamadas Europa, Ásia e África. Ao Novo Mundo ou Índias Ocidentais, entretanto, foi dado o nome América, desde seu descobrimento, e ele é considerado pelos geógrafos como a 4.<sup>a</sup> parte do Mundo. O Velho e o Novo Mundos são separados um do outro pelo grande Oceano Mundial. Alguns sábios têm afirmado que eles constituíam uma única terra nos tempos antigos. Ambos, todavia, foram separados por grandes transformações que ocorreram na superfície da Terra. O povoamento e outras circunstâncias demonstram que essa opinião pode ter um certo fundamento.

§2. Terremotos violentos e grandes inundações podem causar modificações surpreendentes em nosso solo. Não é com pouca admiração que lemos nas histórias que, antes, França e Inglaterra formavam uma terra contínua, ora separada pelo estreito de Calais. Podemos supor que esses países tenham sido cortados por um intenso terremoto e por uma grande inundação.<sup>5</sup> Alguns historiadores informam-nos igualmente que um terremoto separou a Barbária da Espanha, Chipre da Síria, e a Sicília da Itália. Ovídio certifica-nos que Zancle, ou a Sicília, e a Itália estavam antes unidas por um istmo, que, entretanto, foi inundado pelo mar [*Metamorfoses*, Livro 15].<sup>6</sup> O Sr. Krüger<sup>7</sup> menciona que várias inundações semelhantes ocorreram em Rajó. A ilha de Eubéia, hoje em dia chamada Negroponto, era antes ligada à Grécia, e dela foi separada pelo violento trabalho do mar. Além disso, os habitantes do Ceilão dizem que sua ilha, em tempos antanhos, estava unida com o continente da Índia, do qual foi separada pela tempestuosa irrupção do mar. Considera-se também, e não sem fundamento, que a ilha de Sumatra antigamente tocava Malaca, que era chamada o Quersoneso dourado [*Geschichte der Erde in den allerältesten Zeiten*, §54]. Além disso, a história certifica-nos que o mar se retirou de certas regiões e que, pelo contrário, inundou algumas outras. Anaphe, Halone, Nea<sup>8</sup> e outras ilhas foram submergidas por grandes vagas marinhas.

§3. Movimentos subterrâneos podem causar grandes inundações. Possuímos provas deste fato, ou seja, de raros eventos de águas que ocorreram em nosso tempo. A 1º de Novembro de 1755, observou-se, com grande surpresa (mais ou menos ao mesmo tempo em que um terremoto afetava muitos Estados europeus), que, no Uckermark, em Brandenburgo, as águas contidas nos lagos Retzo, Roddelin, Mahlgast e Libbesees, com um terrível estrondo, transbordaram de suas margens e inundaram as Terras adjacentes. Este movimento extraordinário, ou melhor, esta violenta inundação e descarga de águas, aconteceu por seis vezes durante o período de hora e meia. É fora de dúvida que este forte movimento da água tenha sido originado por um movimento sísmico subterrâneo, apesar de não ter sido sentido à superfície do solo, pois às vezes um sismo é percebido no interior da Terra sem ser sentido em sua superfície, como muitos dos que trabalham nas mais profundas minas podem certificar.

§4. A supramencionada revolta das águas (§3) por ocasião de um terremoto, e muitas outras que aconteceram nos últimos anos, são prova suficiente de que um sismo intenso pode provocar marés de tal tamanho capazes de inundar vastas extensões de terra. Não admira, pois, que, subitamente, grandes rios tenham desaparecido e que novos rios tenham surgido em outros lugares, nem mesmo que regiões inteiras inundadas se tenham transformado em mar. No ano de 1545, um terremoto foi tão violento que a maior parte das cidades de Trípoli, Famagusta, Jafa, Damasco e Jerusalém foi devastada. Como conseqüência, o mar se rebelou a ponto de inundar muitas regiões, enquanto se retirava completamente de outras.

§5. Apesar de terremotos terem revolvido regiões inteiras e provocado seu total afundamento; por outro lado, eles também podem ter causado a formação de novas ilhas. Assim, segundo a opinião de alguns autores, a Sicília, Chipre, Rodes, Delos e a Ilha sagrada (*Insula sacra*) tiveram sua origem a partir de um terremoto, ou melhor, ele provocou sua separação da terra firme (§2). Mais estranho ainda é o fato de que, através dele, ilhas tenham surgido no mar aberto. A ilha de Santorini,<sup>9</sup> no mar Mediterrâneo, antes chamada Therasia, surgiu, supostamente, no quarto ano da 135ª [sic, 145ª] Olimpíada, sendo criada por um violento terremoto no mar, de acordo com o testemunho de Plínio [*Historia mundi*, Lib. 2, Cap. 87]<sup>10</sup> e Sêneca [*Quaest. natural.*, Lib. 7. [sic, VI], Cap. 21].<sup>11</sup> O Sr. Wurf bain<sup>12</sup> relata a estranha estória da gênese de uma nova ilha, atribuída a um terremoto. No ano de 1649, entre as ilhas Kouro e Tyandi, a cerca de 30 milhas acima de Banda, uma das ilhas Molucas, emergiu do mar, com enorme agitação, uma pequena ilha chata, medindo, quanto à sua amplitude e circunferência, 45 braças por 56 de altura. A terra propriamente dita era argilosa, misturada com muitas pedras calcinadas, e nela foram também achadas várias moedas indianas. Em Cádiz, notou-se

uma grande rocha da qual nenhuma ciência se tinha anteriormente. Parece ter sido formada durante os violentos movimentos telúricos ocorridos no ano de 1755 na Espanha e em Portugal. Tais admiráveis fenômenos da natureza mostram, de maneira incontestável, que terremotos podem ocasionar as maiores modificações dentro do solo e em sua superfície. A descoberta de antigas moedas indianas na ilha recém-formada entre Kouro e Tyandi também mostra, com grande probabilidade, que o fundo oceânico, do qual surgiram essas ilhas, havia antes sido terra firme e habitada que, inundada pelo mar, submergiu após violentos terremotos.

§6. Um terremoto pode destruir cidades inteiras (*Geophänomenologie*,<sup>13</sup> §22 e §23), cobrindo, com suas dejeções, as mais altas montanhas, rios e florestas, e revolvendo mesmo cidades inteiras, como foi evidenciado pela fúria do tremor ocorrido no ano de 1604, próximo a Lima, no Peru, e pode também gerar novas ilhas (§5), e, pelo contrário, submergir outras, separando terras firmes por intermédio do mar; podemos pois presumir que a América do Sul se tenha separado da África, através de importantes modificações, p. ex., terremotos e marés, que existiram em tempos passados, apesar de não termos notícia disso na história; mas de que modo passaram as pessoas e, especialmente, os animais selvagens, do Velho para Novo Mundo? Os corpos encontrados dentro de pedras, p. ex., conchas, plantas, ossos petrificados etc. são documentos e provas de grandes inundações. Todavia, a hipótese que atribui a origem dessas petrificações ao Dilúvio Universal não procede, pois os corpos petrificados são descobertos a grandes profundidades, nas quais não poderiam ter sido enterrados durante a época do Dilúvio Universal. E o que é ainda mais maravilhoso, é que, na Europa, segundo Buffon [*Histoire naturelle*, Tom. 1, Art. 8, *Pag.* 110],<sup>14</sup> acham-se conchas e plantas marinhas que só existem no Oceano Índico. As conchas e dentes de peixes achados nas vizinhanças de Aachen, no assim-chamado Lausberg, e as conchas petrificadas de Eifelt, no ducado de Bergen, provêm de uma região distante. Conseqüentemente, Vitaliano Donati<sup>15</sup> demonstrou, com boa probabilidade, que as terras [ora] habitadas podem ter sido o fundo de um mar em tempos mais antigos [*História natural do Mar Adriático*, 9 Bl.].

§7. O mar por vezes alarga seu leito, ultrapassa suas margens e inunda a região vizinha. Isto ocorreu na Holanda, onde o Mar do Norte inundou uma grande região em que cidades e vilas existiam, e a partir da qual formou-se o golfo chamado Bies Bos. Destes e dos outros casos citados (§6), segue-se que é muito provável ter-se separado a América da África, através de uma única inundação, pois, como foi escrito pelo Professor Krüger, há suficientes meios na natureza capazes de provocar inundações isoladas, e não há dúvida nenhuma sobre essa possibilidade, devido à realidade de tais aconteci-

mentos [*Geschichte der Erde in der allerältesten Zeiten*, §40]. O grande sábio inglês, Francis Bacon, Barão de Verulam, também afirmou há muito tempo que as Índias Ocidentais, através de uma única e excepcional inundação, foram cortadas do Velho Mundo. E que, conseqüentemente, podemos crer que os homens sobreviventes tivessem ficado nesse lugar dessa maneira [*Serm. fidel.*, Cap. LVI; *De Vicissitudine Rerum*, Pag. 259.]. Supomos, portanto, que, em tempos mais remotos, o grande Mar Mundial, chamado pelos geógrafos de *Mar del Nort* ou Mar do Norte, fez uma incursão sobre a terra firme que unia ambas as metades do Mundo, separando, conseqüentemente, uma da outra. Esta grande inundação pode-se supor ter tido como causa um grande e prévio terremoto (§6), graças ao qual, por um intenso movimento telúrico, a terra firme intermediária submergiu (lemos, em vários relatos dos historiadores, os vários exemplos de afundamento de algumas partes da Terra), permitindo assim a mais fácil invasão do mar, assim como, pouco a pouco, a ampliação de seu leito. Adotando esta hipótese, que parece ser a mais provável, entenderemos melhor como é que as Índias Ocidentais, e muitas das grandes ilhas, foram povoadas e colonizadas com muitas espécies de animais.

§8. Desde o descobrimento do Novo Mundo têm surgido muitas divergências entre os sábios sobre o seu povoamento. Alguns tentaram demonstrá-lo de um modo coerente, mas ineficiente. Alguns afirmaram que o Velho Mundo constituía uma terra contínua com o Novo sob o Círculo Polar, através da qual, em tempos de antanho, os homens puderam ter chegado às Índias Ocidentais.<sup>16</sup> Outros asseguraram que se podia viajar de Moscou para a ilha de Novaya Zembla sobre o gelo do Mar do Norte congelado e daí para o Spitzbergen, e muito mais além. Chegaram assim à conclusão de haver sido essa a rota seguida pelos primeiros habitantes das Índias Ocidentais, que assim viajaram, através do norte, desde o Velho para o Novo Mundo. Chegaram a essa conclusão sobre a origem dos povos americanos baseados na hipótese de que os costumes, línguas e aparência dos norte-americanos teriam uma marcante relação e semelhança com a língua e os hábitos de lapões e outros povos nórdicos.<sup>17</sup> Mesmo admitindo-se essa hipótese, nunca se entenderia como as diversas espécies de animais, sem mesmo falar dos homens, vieram do Velho Mundo para a América, quando se consideram as terríveis condições atmosféricas e o frio, insuportável para todas as criaturas vivas, que reina sob o Pólo Norte. As descrições das viagens [*Voyage du Nord, par Mr. Outhier*, Pag. 139-145]<sup>18</sup> e os membros da Academia Real de Ciências de Paris [*Mesure du Degré du Méridien au Cercle polaire*, Pag. 51]<sup>19</sup> mostram sobejamente que nenhum homem pode aventurar-se muito além sob o Círculo Polar, em virtude do violento frio, a não ser que queira tornar-se um corpo enregelado. Em realidade, os mais afoitos marinheiros foram forçados a retornar, por causa do frio rigoroso, temerosos por suas vidas. É mais plausível considerar que a América do Norte foi povoada por europeus ou por habitantes da Ásia

setentrional, que se atreveram a passar além da grande Tartária através do estreito de Anian, e que se estabeleceram ao longo das costas do Reino de Anian, ou da terra de Essonis, como é chamada por outros, começando, portanto, a habitar a parte setentrional da América. Eram provavelmente Citas os que se submeteram a essa perigosa viagem. Os Citas eram um povo selvagem e temerário, que muitas vezes invadiu países muito longínquos. Por outro lado, em tempos mais recentes, os homens poderiam ter vindo da Europa ou talvez da África, para povoar a parte meridional da América.

§9. Só nos resta agora esclarecer como as partes setentrionais e meridionais da América foram atingidas pelas diversas raças de animais, especialmente as selvagens, pois não temos noção alguma sobre isso. Pode ter sucedido que homens atingiram por acaso as Índias Ocidentais e outras grandes ilhas habitadas, através do mar, sem nunca regressar, ali permanecendo desconhecidos por um longo tempo. No último século, houve provas de um tal fato. Chappuzeau cita que, no ano de 1589, um navio inglês naufragou numa ilha desconhecida e desabitada. Algumas pessoas salvaram-se, ali erigindo suas moradas, e reproduziram-se de tal modo que seu número cresceu para mais de mil. Essa ilha e seus habitantes permaneceram desconhecidos por muito tempo. Todavia, ela foi descoberta pela segunda vez no século subsequente, por um navio de Flandres, que veio a ter a essa costa açoitado por um mar terrivelmente convulsionado [*L'Europe* [sic.] *vivante ou Rel. Natur. Hist. & polit. I Tabl. Pag. 18. 10, &c.*].<sup>20</sup> Mesmo se acreditarmos que as antigas Índias Ocidentais e algumas das grandes ilhas foram povoadas por acidentes similares após o Dilúvio, ainda resta uma dificuldade sobre a maneira como os animais quadrúpedes poderiam ter ali chegado, considerando-se que tais ilhas foram separadas da terra firme do Velho Mundo pelo Dilúvio Universal. Primeiro, não é possível terem os animais quadrúpedes ali chegado [por si próprios], quando tomamos em consideração, para começar, a terrível impetuosidade do mar. Em segundo lugar, tampouco é possível que os habitantes do Velho Mundo tivessem levado consigo os animais selvagens, através do mar, para as Índias Ocidentais e outras grandes ilhas, porque quem quereria transportar para alguma terra animais não-domesticados, cuja multiplicação poderia apenas originar mais perigo e dano que benefícios? Abraham Mylius<sup>21</sup> cria poder evitar esta dificuldade ao afirmar que as águas do Dilúvio Universal não haviam inundado toda a terra, e que, conseqüentemente, as ilhas distantes ficaram livres dele, e, por causa disto, a América continuava a ser ocupada por muitas espécies desses animais. Ele apóia sua idéia no fato de que, nas Índias Ocidentais, acham-se animais que só ali são gerados [*De Diluvii Universalitate Dissert. &c., Journal des Sçavans, 1668, Tom. I, pag. 211; De Origine Animalium & Migratione Populorum, Journal des Sçavans, 1668. Tom. I, pag. 248, &c.*]. Parece, entretanto, que esse escritor investigou muito pouco o livro da natureza, pois em todas as regiões da

superfície da Terra são achados vestígios incontestáveis do grande dilúvio. Com relação a este assunto, Swedenborg,<sup>22</sup> Scheuchzer,<sup>23</sup> Donati,<sup>24</sup> Buffon<sup>25</sup> etc. referiram-se a provas autênticas enterradas na superfície da Terra.

§10. Podemos concluir portanto que, muito provavelmente, a América antigamente constituía uma única terra com a África, e que não havia nenhum obstáculo, em tempos muito remotos, para a chegada do homem e dos animais, que se multiplicaram e habitaram essa então desconhecida parte da Terra, e que importantes inundações do vasto oceano entre as duas partes ocorreram, tendo elas ficado separadas por uma distância considerável (§2 e §7), através de uma transgressão ou invasão das águas, até o tempo no qual o Novo Mundo foi descoberto, em 1492 e 1497, por Cristóvão Colombo, Américo Vespúcio, Fernão de Magalhães etc. Uma solução semelhante pode ser aplicada também às numerosas ilhas que antes eram unidas a alguma terra firme (§5). Por longo tempo temos pensado que o Velho e o Novo Mundos, assim como algumas das ilhas oceânicas, pudessem ter formado uma única terra firme, desde que achamos evidências, em nosso ora habitado solo da Terra, de ter ele constituído o fundo do mar em tempos antigos. Isso prova, ao mesmo tempo, que o mar mudou de leito em épocas passadas. Conseqüentemente, o vasto oceano deve haver ainda provocado modificações mais estranhas por grandes irrupções e inundações. Ao supor que o Velho e o Novo Mundos, assim como as ilhas adjacentes, antes formassem uma única terra firme ou unida, é possível explicar como as ilhas posteriormente separadas foram ocupadas por animais. Ao modificar o mar seu leito, inundando regiões inteiras (§7), podemos supor que, em tempos muito antigos, houve inúmeras incursões dele sobre a terra firme e que, em conseqüência, uma grande extensão de terra foi separada por uma inundação. Esta foi provavelmente a origem de todas as grandes ilhas, como a Inglaterra, a Sicília, Madagascar, Bornéu, Sumatra, Japão, Cuba, Hispaniola, Nova Zelândia [?], etc. Os animais quadrúpedes que já se achavam numa ou noutra dessas ilhas por ocasião da inundação permaneceram ali, porque seu caminho de volta fora cortado pela inundação. Como resultado, ficaram isolados nas ilhas recentemente formadas e separados da terra firme, e propagaram sua espécie.

É portanto indiferente se a causa dessas modificações foi um terremoto (§2, §3 e §4) ou uma simples incursão do vasto oceano sobre a terra firme. Uma simples penetração do mar por sobre a terra pode espalhar-se tanto a ponto de dividir a região em duas partes. Os grandes golfos, tal como o Mar Mediterrâneo, o Mar Oriental ou o Báltico, o Mar Vermelho, no Velho Mundo; o Mar Mexicano, o *Mare christianum*, no Novo Mundo, nada mais são do que invasões do mar sobre a terra firme. Tivesse a natureza unido o Mar Vermelho ao Mediterrâneo, a África ter-se-ia tornado uma vasta ilha, tal como supomos, com alguma razão, ter ocorrido com a América. Mesmo que a natureza

não tenha efetuado a união do Mar Vermelho com o Mediterrâneo, provavelmente em virtude da grande elevação de suas respectivas terras, alguns homens tentaram executá-la de qualquer maneira. Plutarco relata, em sua biografia de Marco Antônio, que a rainha Cleópatra quis abrir o istmo, a fim de unir o Mediterrâneo ao Mar Vermelho, por meio de um canal [*Les Vies des Hommes illustres, grecs & romans, &c.*].<sup>26</sup> A rainha egípcia e o Imperador Turco tentaram essa empresa. Seus esforços, entretanto, foram em vão, apesar de ter o istmo menos de 20 milhas. Se as águas do arquipélago mexicano tivessem penetrado o istmo do Panamá, que une a América do Norte à América do Sul, essas duas regiões ter-se-iam tornado duas grandes ilhas, mesmo se agora constituem apenas uma.

§11. As considerações precedentes iluminam suficientemente a possibilidade de o Velho e o Novo Mundos terem sido antigamente uma única terra, cuja separação deveu-se a movimentos telúricos ou a uma simples inundação (§3 e §10). Na história, encontramos algumas evidências que reforçam nossa opinião. Ali podemos ler que o Velho e o Novo Mundos foram unidos por meio de uma grande ilha, agora submersa, chamada Atlântida<sup>27</sup> pelos antigos. Dentre as mais velhas notícias sobre o afundamento da grande ilha da Atlântida a melhor conhecida é aquela transmitida pelo sacerdote egípcio a Sólon, um legislador ateniense que viveu 600 anos antes de Cristo, sob a forma de um diálogo. Esse diálogo (entre Sócrates, Crítias, Timeu e Hermócrates) acha-se nos escritos de Platão.<sup>28</sup> Relata que, em tempos primitivos, além do estreito ou istmo de Gibraltar, onde, supostamente, agora se encontra o Oceano Atlântico, existia um grande ilha chamada Atlântida, maior que a Líbia, ou a África e a Ásia juntas, e dali podiam-se atingir aquelas situadas próximas. Sobreveio um tempo em que essa grande ilha foi submergida por um violento terremoto e uma grande inundação, em apenas um dia e uma noite. No lugar dessa ilha, que afundou com todos seus belicosos habitantes, surgiu aquele oceano impróprio para a navegação [Marsílio Ficino,<sup>29</sup> *Plat. Oper. Omn. quae extant. Dialog. Tim.*, Pag. 1045.]. Esse oceano inavegável dos Antigos é provavelmente aquele que, em nossos dias, é o Oceano Atlântico, ou mais propriamente o grande Mar do Norte, que separa a América do Norte e a do Sul do Velho Mundo. Essa antiqüíssima notícia demonstra, com grande probabilidade, que o Velho e o Novo Mundos, em tempos de antanho, constituíam uma única massa de terra, ou que ambos estavam talvez unidos por diversas ilhas interpostas. Não se deve considerar o relato de Platão como uma fábula, pois famosos escritores, como Estrabão,<sup>30</sup> Plínio,<sup>31</sup> Tertuliano,<sup>32</sup> Vossius,<sup>33</sup> Mercator,<sup>34</sup> Ray,<sup>35</sup> Turnebus<sup>36</sup> etc., deram-lhe sua aprovação. Apesar de alguns sábios terem lançado dúvidas quanto à veracidade dessa estória, outros, por outro lado, acreditam que os Antigos consideravam a grande ilha de Atlântida como o Novo Mundo, e que o que foi por eles escrito sobre ela parece indicar que seriam as recém-descoberto-

tas Índias Ocidentais. Tal foi seu pensamento, porque Aristóteles<sup>37</sup> escreveu que, além da grande ilha onde vivemos, deveria haver outras; Diodoro<sup>38</sup> também relata que, após terem alguns Fenícios passado as colunas de Hércules em direção ao oceano, foram barrados por sua grande turbulência, e atirados a uma terra muito distante e fértil, irrigada por grandes rios, e situada à frente da África, onde desembarcaram. Daí alguns terem pensado que os antigos já possuíam um conhecimento das Índias Ocidentais. Seja como for, isto não mostra que a informação do sacerdote egípcio sobre o afundamento da ilha da Atlântida não tem fundamento e seja fantástica. Além disso, os relatos de Aristóteles e Diodoro podem tanto referir-se à ilha da Atlântida ou às Índias Ocidentais. Esse pequeno processo, por tal razão, continuará sem resolver, até que tenhamos notícias mais detalhadas sobre ele, o que pode tomar ainda muito tempo. Aqueles que, até então, se sentirem impacientes, podem viajar até o Reino dos Mortos, e indagar dos habitantes da Terra daqueles tempos que transformações tiveram lugar e como eles atingiram as Índias Ocidentais.

§12. Dissemos antes que o Velho e o Novo Mundos foram previamente unidos por alguma ilha afundada, ou que não estavam muito distantes um do outro, devido a ilhas interpostas (§11). Isso pode ser comprovado com alguma probabilidade. O Arquipélago, que compreende as ilhas da Grécia, a Anatólia e a Trácia ou Romênia, tinha antes composto uma única extensão de terra. Essa terra, onde se encontra agora o grande golfo do Arquipélago, foi transformada em muitas ilhas pequenas porque a maior porção do Mar Mediterrâneo foi inundada por importantes movimentos telúricos e grandes marés, ocorrendo ao mesmo tempo a separação da Grécia da Anatólia. Eis porque o Arquipélago tem uma multidão de ilhas relativamente próximas umas das outras, ou porções da antiga terra firme da Grécia que não foram cobertas pela inundação. Onde supomos que, em tempos antigos, entre o Velho e o Novo Mundos, um acontecimento como este teve lugar, através do qual a união foi desfeita num certo lugar, como Platão também declara claramente. Somos de opinião que as Ilhas Canárias e os Açores, além da Ilha de Cabo Verde ou Promontório Verde, assim como outras das grandes ilhas do Mar do Norte, são remanescentes da vasta região inundada pelas vagas, que formava uma terra firme com o Velho e o Novo Mundos, pois que outra coisa são as ilhas senão altas montanhas rochosas e elevações da superfície terrestre, que as águas do oceano não podem cobrir por causa de sua altura?

*Traduzido do original em alemão por Nelson Papavero.*

## Notas

**1** Por Índias Ocidentais o autor entende as Américas. A segunda parte do livro de von Hüpsch referente à origem dos lagos tem um interesse menor e, por isso, foi omitida da tradução. Queremos expressar publicamente nossos agradecimentos ao Prof. Dr. Joachim Adis do Max-Planck Institut que gentilmente nos forneceu uma fotocópia do livro do barão von Hüpsch tornando possível este trabalho. Informamos ao leitor que as referências entre colchetes no corpo do texto traduzido correspondem às notas do autor publicadas originalmente no rodapé.

**2** Não é por acaso que von Hüpsch cita Francis Bacon como epígrafe do seu texto. A epígrafe é de certo modo indicativa da importância do método baconiano para a história natural do período.

**3** Para a importância e alcance desta afirmação, cf. a Introdução ao texto.

**4** Trata-se de Johann Christian, barão von Wolff, filósofo alemão, nascido em Breslau em 14 de fevereiro de 1679, falecido em Halle em 9 de abril de 1754. Seus primeiros estudos foram feitos sob a orientação de seu pai. Em 1699, foi para Iena, onde conheceu as filosofias de Descartes e de Tschirnhausen. Durante sua estadia na Universidade de Iena, Wolff estudou também física e matemática. Em 1702, vai para a Universidade de Leipzig, onde defende em 1703 a tese de filosofia intitulada *Philosophia practica universalis mathematica methodo conscripta* (Filosofia prática universal escrita em método matemático). Nesse mesmo ano é nomeado professor na Universidade de Leipzig, sendo admitido no ano seguinte como professor associado pela Faculdade de Filosofia. Expulso da universidade em 1706 em virtude da ascensão de Carlos XII da Saxônia, é nomeado no ano seguinte, sob a influência de Leibniz, para a cátedra de matemática e depois de física da Universidade de Halle. Devido a alguns de seus escritos e a disputas com os teólogos, é demitido da universidade em 8 de novembro de 1723 e devido a uma ordem real é obrigado a abandonar Halle em 24 horas e os territórios prussianos em dois dias, sob pena de enforcamento. Foi então para Cassel, onde o Landgrave de Hesse concede-lhe uma cátedra na Universidade de Marburg. Em 1736, é convidado a retornar a Halle, onde lhe eram oferecidas várias condições vantajosas, mas não aceitou a proposta. Posteriormente, é nomeado por Frederico II conselheiro particular e recebe o título de vice-chanceler da Universidade de Halle e a cátedra de lei natural e política (1740). Em 1743, é nomeado chanceler e em 1745 recebe o título de barão do príncipe eleitor da Bavária. Cabe ainda lembrar que Wolff foi admitido como membro da Academia de Ciências de Berlim em 1710, ano em que também é admitido para a Sociedade Real de Londres; duas décadas depois, em 1733, é aceito pela Academia de Ciências de Paris e pela Academia de Ciências de São Petersburgo.

Os trabalhos de Wolff podem ser divididos em três grupos:

**(a)** Trabalhos de caráter geral, monografias ou trabalhos introdutórios de filosofia e matemática: *Anfangsgründe sämtlicher mathematischer Wissenschaften*, Halle, 1710 (*Fundamentos do conjunto das ciências matemáticas*); *Vollständige mathematischer Lexikon*, Leipzig, 1716 (*Léxico completo de matemática*); *Ratio praelectionum in mathesim et philosophia universa*, segunda edição, 1736 (*Preleções racionais sobre a matéria de toda a filosofia*) e *Propositiones philosophicae ex physica recentiori*, Halle, 1746 (*Proposições filosóficas a partir da física recente*).

**(b)** Tratados elementares ou de grande âmbito, destinados ao ensino. A “enciclopédia filosófica” de Wolff incluía: *Philosophia rationalis sive logica*, Frankfurt & Leipzig, 1728 (*Filosofia racional ou lógica*); *Philosophiae wolfianae contractae tomus I*, Halle, 1744-1745 (*Primeiro tomo da filosofia wolfiana resumida*); *Philosophia prima sive ontologia*, Frankfurt & Leipzig, 1730 (*Filosofia primeira ou ontologia*); *Cosmologia generalis*, Frankfurt & Leipzig, 1731 (*Cosmologia geral*); *Psychologia empirica*, Frankfurt & Leipzig, 1732 (*Psicologia empírica*); *Psychologia rationalis*, Frankfurt & Leipzig, 1734 (*Psicologia racional*); *Theologia rationalis*, Frankfurt, 1736-1737 (*Teologia racional*); *Philosophia practica universalis*, Frankfurt & Leipzig, 1738-1739 (*Filosofia prática universal*); *Jus naturae*, Frankfurt & Leipzig, 1740-1748 (*Direito natural*); *Jus gentium*, Halle, 1750 (*Direito civil*); *Philosophia moralis sive ethica*, Halle, 1750-1753 (*Filosofia moral ou ética*); e *Philosophia civilis sive politica*, Halle, 1756-1760 (*Filosofia civil ou política*). A estes trabalhos deve-se acrescentar: *Elementa matheseos universae*, Halle, 1711 (*Elementos da matéria do universo*); *Tabulae sinuum atque tangentium*, Halle, 1711 (*Tabelas dos senos e das tangentes*); *Experimenta physica*, Halle, 1721-1723 (*Experimentos físicos*); e

monografias científicas tais como: *De algorithmo infinitesimali differentiali*, Leipzig, 1704 (*Dos algoritmos infinitesimais diferencias*); *Consideratio physico-mathematico hiemis proximae praeterlapsae*, Halle, 1709 (*Consideração físico-matemática sobre o inverno próximo passado*); *Gedanken über ungewöhnte Phänomenon vom 17 märz*, Halle, 1716 (*Reflexões sobre um fenômeno incomum do dia 17 de março*). E também os seguintes livros escritos em alemão sob o título geral de “pensamentos racionais” e que tratam dos mais variados assuntos disciplinares, tais como, lógica: *Von den Kräften des menschlichen Erkenntnis der Wahrheit*, Halle, 1712 (*Sobre as forças do conhecimento humano da verdade*); metafísica: *Von Gott, der Welt und der Seele des Menschen und auch allen Dingen ueberhaupt*, Frankfurt & Leipzig, 1719 (*Sobre Deus, o mundo e a alma do homem e também de todas as coisas em gerais*); moral: *Von den Menschen, Thun und Lassen zur Beforderung ihrer Glückseligkeit*, Halle, 1720, (*Sobre o homem e o agir para a promoção de sua felicidade*); política: *Von den gesellschaftlichen Leben des Menschen*, Halle, 1721 (*Sobre a vida social do homem*); física: *Von den Wirkungen der Natur*, Halle, 1723 (*Sobre os efeitos da natureza*); teologia: *Von den Absichten der natürlichen Dingen*, Halle, 1723 (*Sobre as finalidades das coisas naturais*); e fisiologia: *Von den Teilen der Menschen, Tiere und pflanzen*, 1736-1740 (*Sobre as partes dos homens, dos animais e das plantas*).

(c) Trabalhos sobre assuntos variados: *De differentia nexus rerum sapientis et fatalis necessitatis*, Halle, 1724 (*Das diferenças de nexo entre as coisas sabidas e a necessidade do destino*); *Oratio de sinarum philosophia practica*, Frankfurt, 1726 (*Discurso sobre o cenário da filosofia prática*); *Horae subscesivae margeburgensis*, Frankfurt, 1726 (*As horas sucessivas de Marburgo*); *Allerhand nützliche Versuche dadurch zu genauere Erkenntnis der Natur und Kunst der Weg gebahnt wird*, Halle, 1721-1723 (*Uma série de experimentos úteis para conduzir a um conhecimento mais preciso da natureza e da arte*) e as coleções *Meletemata mathematico-philosophica*, Halle, 1754 (*Miscelânea matemático-filosófica*) e *Gesammelte kleine Philosophische Schriften*, publicada por G. F. Hagen, Halle, 1736-1740 (*Escritos filosóficos menores reunidos*).

5 Até onde sabemos, o primeiro a ter levantado a hipótese de uma conexão anterior entre a França e o arquipélago britânico foi um monge irlandês do século VII, conhecido como *Pseudoaugustinus*, mas de quem nada se sabe. Em um comentário escrito por ele sobre as “Dez categorias” de Aristóteles, que parece ter sido difundido no século IX e X, ele postula uma ligação por terra anterior entre a França e as Ilhas Britânicas, que permitiu a migração animal do continente europeu para as ilhas; posteriormente, essa ligação desapareceu, deixando o presente canal que separa as duas porções de terra (cf. Illies, 1974, p. 45; Papavero, Scrocchi & Llorente-Bousquets, 1995, p. 187).

6 Referência a Ovídio, *Metamorfoses*, Livro XV, versos 262-295.

Vi o que fora em outro tempo solidíssima terra,  
 ser ondas, feitas da planície do mar, vi as terras;  
 e longe dos pélagos jazem as conchas marinhas  
 e no cume dos montes encontrada foi uma âncora velha;  
 e o que foi campo, vale fez o cair das águas,  
 e pela inundação, o monte para a água foi levado,  
 e do pantanoso o solo enrijece com secas areias;  
 e o que sede sofrera, estancado com pântanos se molha.  
 Aqui, fontes novas a natureza emitiu; mais ali,  
 as fechou; e quantos, por antigos tremores do orbe,  
 saltam fora os rios, ou decrescem secos de tudo.  
 Assim, quando é o Lico absorvido por terrena abertura,  
 aparece longe daqui e por outra boca renasce;  
 assim, ora é bebido, ora, por coberto abismo passando,  
 é devolvido ao ingente Erasino nas argólicas sendas.  
 E dizem que de sua fonte e de sua precedente ribeira  
 se desgostou, e agora vai ao sinuoso Caico por outra;  
 e o Amenano, também, volteando pelas areias próximas,  
 ora flui; aridece por vezes, suprimidas suas fontes.

Era antes bebido; agora, águas que tocar não quiseras  
derrama o Anigro, depois que ali os bifformes lavaram  
as chagas feitas pelo arco de Hércules que leva a clava,  
Que! Acaso tampouco dos montes da Cíntia, o Hipanis  
tinha sido doce, e agora é viciado em sais amargos?  
Cercadas pelas ondas haviam sido Faros e Antisa  
e a fenícia Tiro; das quais, nenhuma é hoje ilha.  
Não tiveram separada Leucade os velhos colonos,  
hoje vão à sua volta as águas; *Zancle também uniu-se*  
à Itália – diz-se – até que seus confins o ponto  
*levou, e repeliu a terra a onda intermediária.*  
Se buscas Hélice e Buris, urbes de Acaia,  
encontrá-las-ás sob as águas; e mostrar costumam os nautas,  
ainda, inclinados os fortes com muralhas submergidas. [grifo nosso]

7 Johann Gottlob Krüger, médico e naturalista alemão, nasceu em Halle em 1715 e morreu em Brunswick em 1759. Após obter o doutorado na Universidade de Halle em 1742, é nomeado no ano seguinte professor de medicina naquela mesma cidade, passando depois disso, em 1751, para Helmstadt, para ensinar medicina e filosofia. Escritor prolixo, Krüger deixou muitos livros. Além de seu *Geschichte der Erde in der allerälteste Zeiten (História da terra da época primitiva)* de 1746, citado por von Hüpsch, escreveu *De vis attractiva corporum (Da força atrativa dos corpos)* publicado em Halle em 1737, seguido em 1742 pelo *De sensatione (Da sensação)* e pelo *De theoriae physicae tubulorum capillarum ad corpus humanum applicatione (Da teoria física dos vasos capilares aplicada ao corpo humano)*. Seguiram-se trabalhos médicos como o de 1744, *De diversitate corporum morborum et curationum secundum regiones Europae (Da diversidade das doenças e curas dos corpos segundo as regiões da Europa)*, e o de 1758, *De inappetentia ex abusu spirituosorum (Da inapetência a partir do abuso dos espíritos)*. Constam também entre seus trabalhos pequenos tratados sobre o café, o chá e o tabaco (1744), um texto sobre os elementos de um novo sistema médico (1745) e estudos de psicologia experimental (1756).

8 Anaphe, Halone (Alone), Nea – Cf. a nota 10 abaixo.

9 “O primeiro nome dado a Santorini foi ‘Kalliste’. Foi a seguir nomeada ‘Thera’ segundo o filho de Autesion (herói tebano), descendente de Kadmos, que era chamado Theras. Theras atuou como regente de Sparta, como guardião de seus jovens sobrinhos Procles e Euristenes (irmãos gêmeos). Entretanto, quando chegaram a uma idade em que ele era incapaz de executar suas ordens, reunindo um grupo de Minians capturaram juntamente com o grupo Santorini, que era então conhecida como ‘Caliste’. A partir de então a ilha foi renomeada como ‘Thera’. O nome ‘Santorini’ apareceu primeiramente no século XII e deriva-se do nome de uma igreja de Aghia Eirene que os ilhéus chamavam ‘Aguio-Rene’ [pronunciada em Grego moderno ‘agheeo-reenee’; donde, ‘Sa(i)nt-oreenee’]” (Anônimo, s./d., p. 116).

10 O autor menciona aqui a *Historia naturalis (História natural)* de Plínio, Livro II, Cap. 89 e não o Cap. 87. A passagem referida é a seguinte:

Clarae iam pridem insulae Delos et Rhodos memoriae produntur enatae, postea minores, ultra Melon Anaphe, inter Lemnum et Hellespontum Neae, inter Lebedum et Teon Halone, inter Cycladas Olympiadis CXLV anno quarto Thera et Therasia, inter easdem post annos CXXX Hiera, eademque Automate, et ab ea duobus stadiis post annos CX in nostro aevo M Iunio Silano L. Balbo coss. a. d. VIII Idus Iulias Thia. Ante nos et iuxta Italiam inter Aeolias insulas, item iuxta Cretam emersit MMD passuum una cum calidis fontibus, altera Olympiadis CLXIII ano tertio in Tusco sinu, flagrans haec violento cum flatu: proditurque memoriae magna circa eam multitudine piscium fuitante confestim

expirasse quibus ex his cibus fuisset, sic et Pitheculas in Campano sinu ferunt ortas, mox in his montem Epopon, cum repente flamma ex eo emiscuisset, campestri aequatum planitiei. In eadem et oppidum haustum profundo, alioque motu terrae stagnum emersisse, et alio provolutis montibus insulam existisse Prochyta.

As famosas ilhas de Delos e Rodes são relatadas na história como tendo nascido do mar há muito tempo e posteriormente também as ilhas menores de Anaphes, para além de Melos, Neae entre Lemnos e os Dardanelos, Halone entre Lebedos e Teos, Thera e Therasia entre as Cyclades no 40. ano da 145a. Olimpíada (197 a. C.); também no mesmo grupo Hiera, que é o mesmo que Automate, 130 anos depois; e a dois estádios de Hiera, Thia 100 anos depois, em nossa época, em 8 de Julho no ano do consulado de Marcus Junius Silanus e Lucius Balbus (19 d. C.). Antes de nossa época, também entre as Ilhas Aeólias próximas da Itália, assim como próximas de Creta, emergiu do mar uma ilha de 2500 passos de comprimento, com fontes quentes, e outra no 30. ano da Olimpíada 163 (126 a. C.) na baía da Toscana, esta última em incêndio com uma violenta explosão de ar; e relata-se que uma enorme quantidade de peixes flutuava em torno da ilha e que as pessoas que os comeram morreram imediatamente. Assim também se diz das Ilhas Macacos que se originaram na baía de Campania, e posteriormente uma delas, Monte Epopos, diz-se ter repentinamente lançado uma enorme chama e então ser nivelada à superfície de uma planície. Nessa mesma planície uma cidade afundou no abismo e outro terremoto fez que emergisse um pântano e outro terremoto derrubou montanhas e afundou a ilha de Procida (Plínio, 1967, p. 332-5).

11 Nosso autor menciona aqui a seguinte passagem das *Naturales Quaestiones* (*Questões Naturais*) [Livro VI e não 7, como citado por von Hüpsch, Cap. 21, 1] de Sêneca:

Nobis quoque placet hunc spiritum esse qui possit tanta conari, quo nihil est in rerum natura potentius, nihil acrius, sine quo ne illa quidem quas vehementissima sunt valent. Ignem spiritus concitat. Aquae, si ventum detrahas, inertes sunt; tunc demum impetum sumunt, cum illas agit flatus. Et potest dissipare magna terrarum spatia et novos montes subiectus extollere et insulas non ante visas in medio mari ponere. Theren et Therasiam at hanc nostrae aetatis insulam spectantibus novis in Aegeo mari natam quis dubitat quin in lucem spiritus vexerit?

Estamos convencidos de que é esse ar movente que pode realizar tais coisas. Nada na natureza é mais poderoso do que o ar, nada possui mais energia. Sem o ar, nem mesmo os mais poderosos elementos têm poder. O ar levanta o fogo. As águas ficam inertes se lhes retiramos o vento; adquirem movimento somente quando um sopro de ar as dirige. Assim também, o ar é capaz de romper vastas extensões da terra e levantar novas montanhas a partir de seu interior e colocar no meio do mar novas ilhas nunca antes vistas. Alguém duvida de que o ar trouxe Thera e Therasia à luz do dia, assim como aquela ilha que em nossa época nasceu diante de nossos próprios olhos no Mar Egeu? (Sêneca, 1972, p. 188-9).

Corcoran (Sêneca, 1972, p. 188, nota 3) comenta: “a última das três ilhas (*spectantibus novis*) não é aquela que Sêneca, com base na autoridade de Posidônio, diz em 2.26.4 elevar-se do mar *maiores nostrorum memoria*. Plínio (2.20.2 (cf. nota 10)) dá uma lista de ilhas que emergiram do mar, com datas (embora os números de seus textos sejam incertos), incluindo Thera e Therasia entre as Cíclades em 197 a. C. e Thia, *in nostro aevo*, 8 de julho de 19 d. C. (de fato, 31 de dezembro de 46 d. C.). Sêneca pode aqui estar fazendo referência a Thia”.

12 Esta é provavelmente uma referência a Johann Sigismund Wurfbaun, um viajante alemão nascido em Nuremberg em 1613 e falecido em 1667. Com a idade de 19 anos partiu para as Índias Orientais como soldado, dedicando-se a seguir ao comércio. Foi enviado pela Companhia das Índias Orientais para Surate, Moka (1638) e Cambaye (1642).

Seu sucesso na carreira comercial fez que fosse recompensado pela Companhia, que o nomeou como um de seus diretores de comércio. Ao retornar à Europa em 1645, estabeleceu-se em sua cidade natal, onde abriu um banco. Uma seleção das cartas que escreveu para seu pai foram publicadas por este último em 1646 em Nuremberg com o título *Viagens às Índias Orientais*. Um diário de suas viagens ao oriente foi publicado postumamente sob o título *Serviços de J. S. Wurfbaïn nas Índias Orientais durante quatorze anos* (Sulzbach, 1686)

13 O barão von Hüpsch refere-se aqui ao outro trabalho, publicado em conjunto com o *Physikaliche Abhandlung (Tratado de física)*, a saber, *Geophänomenologie, oder die Lehre von denen grossen natürlichen Begebenheiten, welche sich bey der Erde ereignen, historisch und physisch entworfen (Geofenomenologia ou a doutrina, abordada histórica e fisicamente, dos grandes acontecimentos naturais que ocorrem na Terra)*, que também seria publicado em 1764.

14 Buffon, *Histoire naturelle*, 1, Art. 8. Referência ao artigo “Sobre as conchas e outros produtos do mar que se encontram no interior da terra”, no qual Buffon apresenta uma breve história dos fósseis, comentando as principais localidades em que se encontram. Pode-se apreciar o teor do artigo de Buffon no parágrafo que o introduz:

“Examinei com freqüência pedreiras de cima a baixo, cujos bancos estavam repletos de conchas; vi colinas inteiras compostas por elas, cadeias de rochedos que contêm uma grande quantidade de conchas em toda sua extensão. O volume desses produtos do mar é surpreendente e o número desses despojos de animais marinhos é tão prodigioso, que não é em absoluto impossível imaginar que possa existir um número ainda maior no mar. Ao considerar essa multidão inumerável de conchas e de outros produtos marinhos, não se pode duvidar que nossa terra não tenha sido, durante um tempo muito longo, um fundo de mar povoado de tantas conchas como o é atualmente: a quantidade é imensa e naturalmente não se imaginaria que tivesse existido no mar uma quantidade tão grande desses animais; se não fosse pela quantidade de conchas fósseis e petrificadas que se encontra na terra, não poderíamos ter uma idéia. Com efeito, não se deve crer, como imaginam todas as pessoas que querem raciocinar sobre isso sem ter nada visto, que essas conchas se encontram por acaso, que elas estão dispersas aqui e ali, ou mais ou menos em pequenos montes, como as conchas das ostras jogadas nas ruas: é em montanhas que são encontradas, é em bancos de 100 e de 200 léguas de comprimento; é em colinas e em províncias que se deve cavá-las, freqüentemente numa espessura de 50 a 60 pés, e é a partir desses fatos que se deve raciocinar.”

15 Vitaliano Donati, médico e naturalista italiano, nascido em Pádua em 1713 e falecido em 1763. Pertenceu à ilustre família Donati de Florença. Empreendeu várias viagens científicas pela Itália, Síria e Egito; morreu em um naufrágio quando retornava para a Itália. Dedicou-se principalmente ao estudo dos produtos animais e vegetais do Mar Adriático, cujos resultados foram publicados em 1750 e em tradução francesa em 1758.

16 Esta é uma referência à hipótese do padre Joseph d’Acosta. Para maior detalhe, cf. a Introdução.

17 Esta passagem refere-se sem dúvida ao livro de Hugo Grócio, *De origine gentium americanarum (Da origem dos povos americanos)* de 1642, do qual existe uma tradução inglesa de 1883. Para a biografia de Grócio e uma tradução espanhola do livro, cf. Papavero, Llorente-Bousquets & Teixeira, 1997.

18 Réginald (ou Regnaud) Outhier foi um astrônomo francês, nascido em La Marre-Jusserans, no Jura, em 1694, e morreu em Bayeux em 1774. Foi ordenado pregador e tornou-se vicário de Montain, perto de Lons-de-Saunier, onde dedicou-se à astronomia, enviando à Academia Francesa de Ciências, que o nomeou membro correspondente em 1731, relatos de suas observações astronômicas e apresentou à Academia um globo movente que tinha inventado, tendo sido depois encarregado da preparação de um mapa da França. Logo depois tornou-se secretário do bispo de Bayeux, De Luynes. Em 1736, acompanhou Maupertuis na viagem para a Lapônia a fim de medir o meridiano no círculo polar e escreveu um diário da viagem. Retornando à França, tornou-se cônego de Bayeux (1748), recebendo

do rei da França uma pensão, a qual lhe foi depois retirada em virtude de alguns problemas no confissãoário, acerca dos quais escreveu em 1752 o livro *Dissertation théologique sur la péché du confesseur avec sa pénitence (Dissertação teológica sobre o pecado do confessor com sua penitência)*. Além de vários artigos de astronomia enviados por ele ao *Réceuil des savants étrangers (Coletânea de cientistas estrangeiros)*, escreveu também o *Journal d'un voyage fait au Nord en 1736-37 (Diário de uma viagem feita ao norte em 1736-37)*, publicado em 1744 e considerado superior ao relato preparado por Maupertuis, onde se encontram muitos fatos interessantes acerca dos costumes dos Lapônios.

**19** Referência ao trabalho de Pierre Louis Moreau de Maupertuis (1698-1759), que contém os resultados da medida de um arco de um meridiano efetuado na Lapônia, graças ao qual ficou definitivamente estabelecido que o globo terrestre é achatado nos pólos, como havia sido teoricamente proposto por Isaac Newton. Para uma biografia de Maupertuis e uma tradução de seus trabalhos biológicos, cf. Papavero & Pujol-Luz, 1999, p. 111-48; 2000, p. 57-81; Papavero, Pujol-Luz & Llorente-Bousquets, 2001b, p. 153-212; 2001c, p. 99-135.

**20** Samuel Chappuzeau (ou Chapuzeau), nascido em Genebra em 1625, faleceu em Zelle em 1701. Filho de uma família pobre, partiu para Paris à procura da fortuna, e ali começou a escrever em verso e prosa, vivendo uma vida miserável, repleta de privações. Decidiu escrever peças de teatro, das quais algumas foram representadas. A maioria de suas peças baseavam-se nos trabalhos de poetas latinos e espanhóis. Algumas de suas peças foram publicadas pelos Elzevires. Entre suas peças podem ser citadas: *Damon et Pythias ou le triomphe de l'amitié (Damon e Pitias ou o triunfo da amizade)*, tragicomédia de 1656; *L'academie des femmes (Academia das mulheres)*, comédia em três atos e em versos, representada no Théâtre du Marais em 1661; *Le riche mécontent ou le noble imaginaire (O rico descontente ou o nobre imaginário)*, comédia de 1662; *Colin-Maillard*, comédia em um ato e em versos de oito sílabas, também de 1662 e, finalmente, *La Dame d'intrigues ou le riche vilain (A dama das intrigas ou o vilão rico)* de 1663. Escreveu também inúmeros outros trabalhos, entre os quais *Recherches sur les théâtres de France (Investigações sobre os teatros da França)*, em quatro volumes, sem qualquer ordem e cheio de imprecisões; uma tradução mediocre dos *Colóquios* de Erasmo e *L'Europe vivante (A Europa viva)*, citado no texto de von Hüpsch.

**21** Abraham van der Myl (ou der Mijl), Milius na forma latinizada (Saint-Herenberg, 1558 – Dordrecht, 1637), autor do livro *De origine animalium et migratione populorum (Da origem dos animais e da migração das populações)*, publicado em 1667. Uma transcrição do texto latino original desse livro com uma tradução francesa foi publicado por Chiquieri, Papavero & Teixeira, 1998.

**22** Emmanuel Swedenborg, teólogo, cientista e místico sueco, nasceu em Estocolmo em 20 de fevereiro de 1688 e morreu em Londres em 29 de março de 1772. Era o segundo dos filhos de Caspar Swedberg, bispo luterano de Skara e anteriormente professor da Universidade de Uppsala. A família Swedberg (tal era o patronímico de Emmanuel) tinha ascendido à nobreza em 1719 pela rainha Ulrica Leonora e mudou seu nome para aquele de Swedenborg, interpondo ao nome primitivo a partícula *on*, correspondente àquela do espanhol *de*. Pouco se sabe de sua infância. Após completar os estudos em Uppsala (1709), empreendeu uma viagem a outros países. Em 1711, encontra-se na Inglaterra, onde dedicou-se ao estudo de Newton. Nesse período, o estudo da matemática e da astronomia eram sua principal ocupação, mas também estava interessado na literatura. Passou sua estadia entre Oxford e Londres. Depois disso, ele visitou a Holanda, a França e a Alemanha. Em 1716, o rei Carlos XII da Suécia nomeou-o conselheiro extraordinário do Sistema de Mineração Real, uma posição que o fez perder a cadeira de astronomia da Universidade de Uppsala. Como filho mais velho da família Swedenborg, ele tinha assento na Câmara dos Nobres, o parlamento sueco, mas sua afeição pelas ciências, muito maior do que seus interesses políticos, levou-o a viajar ao exterior uma vez mais (1721), com a desculpa oficial de estudar a mineração e a produção industrial em outros países. Durante essa viagem, ele compôs um tratado de física e de química, publicado em Amsterdã, preparou uma segunda edição de seu trabalho *Methodus nova inveniendi longitudines (Novo método para encontrar as longitudes)* e escreveu o livro intitulado *Miscellanea observata circa res naturales, praesertim mineralia, ignem et montium situ (Miscelânea observada acerca das coisas naturais, principalmente os minerais, o fogo e a posição das montanhas)*. Mas o trabalho que lhe deu fama foi o *Opera philosophica et mineralia (Obra filosófica e mineral)* em três volumes e com gravuras em cobre, publi-

cado em Dresden e Leipzig em 1734, financiada pelo duque de Brunswick. Logo após, publicava *Oreino animal* (1744-45) e *Economia dos reinos animais* (1749-51), expandindo seus trabalhos sobre anatomia e fisiologia.

Em 1745, Swedenborg publicou *De cultu et amore Dei* (*Do culto e do amor a Deus*), um trabalho que marca uma completa mudança de rota em direção ao misticismo. Em 1747, deixa o posto no Sistema de Mineração Real para dedicar-se inteiramente a seus novos interesses, que ele reclama serem inspirados por Deus. Escreve então uma série de ensaios teológicos. Em 1763, entretanto, retorna à ciência, escrevendo alguns artigos publicados nas Memórias da Academia Real de Ciências de Estocolmo.

Na véspera do Natal de 1771, em Londres, sofre um ataque de apoplexia, do qual não se recuperou, morrendo em 29 de março de 1771, com a idade de 84 anos. Seu corpo foi transladado para a Suécia somente em 1908 e enterado na catedral de Estocolmo ao lado do corpo de Lineu.

Sua produção foi muito ampla. Entre as publicações científicas, podemos citar: *Dedalus hyperboreus*, Uppsala, 1716-1718 (*Dedalus hiperbóreo*); *A arte das regras* (em sueco, Uppsala, 1718; uma introdução à álgebra); *Maneiras de determinar a longitude dos lugares por meio das observações lunares* (em sueco, Uppsala, 1718); *Sobre a divisão decimal das moedas e das medidas para facilitar as operações de cálculo e a supressão das frações* (em sueco, Estocolmo, 1719); *Tratado do movimento e da posição da Terra e dos planetas* (em sueco, Skara, 1719); *Sobre a maior elevação dos mares nos tempos antigos, com provas obtidas na Suécia* (em sueco, Estocolmo, 1719); *Prodomus principiorum rerum naturalium*, Amsterdã, 1721 (*Introdução aos princípios das coisas naturais*); *Nova observata et inventa circa ferrum et ignum, una cum nova camini inventione*, Amsterdã, 1721 (*Nova observação e invento acerca do ferro e do fogo, unida ao novo caminho da invenção*); *Methodus nova inveniendi longitudines locorum terra marique ope Lunae*, Amsterdã, 1721 (*Invenção de novo método das longitudes dos lugares da terra e do mar a partir da Lua*); *Modus construendi receptacula navalia*, Amsterdã, 1721 (*Modos de construção de receptáculos navais*); *Nova constructio aggeris aquatici*, Amsterdã, 1721 (*Nova construção de barreiras aquáticas*); *Modus mechanice explorandi virtutes navigiorum*, Amsterdã, 1721 (*Modo mecânico de exploração das virtudes das navegações*); *Miscellanea observata circa res naturales, praesertim mineralia, ignem et montium situ*, Leipzig, 1722 (*Miscelânea observada acerca das coisas naturais, principalmente os minerais, o fogo e a posição das montanhas*); *Opera philosophica et mineralia*, Dresden & Leipzig, 1734 (*Obra filosófica e mineral*); *Prodomus philosophicus ratiocinantis de infinito et causa finali creationis deque mechanismo operationibus animae et corporis*, Dresden, 1734 (*Introdução filosófica que raciocina sobre o infinito e a causa final da criação e acerca do mecanismo de operação da alma e do corpo*); *De febribus*, Roma, 1738 (*Da febre*); e *Oeconomia regni animalis*, The Hague, 1740-1741 (*Economia do reino animal*). Nos arquivos da Academia de Estocolmo existem vários manuscritos não publicados de Swedenborg, entre eles: *De magnete* (*Do magneto*); *De sale communi* (*Do sal comum*); *Principia rerum naturalium* (*Princípios das coisas naturais*); *De sensatione* (*Da sensação*); *De actione* (*Da ação*); *De cerebro, medulla oblongata et spinali* (*Do cérebro e da medula oblonga e espinhal*); *De nervis* (*Dos nervos*); *De aure humana* (*Da aura humana*) e um *Tractatus partium generationis utriusque sexus et de processu generationis* (*Tratado das partes da geração e além disso do sexo e do processo da geração*).

23 Johann Jacob Scheuchzer, nascido em Zurique em 2 de agosto de 1672 e falecido nessa mesma cidade em 28 de junho de 1733. Estudou medicina em Altdorf e Utrecht e após seu doutorado retornou à cidade natal, onde, além da prática de medicina, ensinou matemática. Tendo conhecido o filósofo Leibniz, foi por este recomendado a Pedro, o Grande, Czar da Rússia, que convidou Scheuchzer para ir a São Petersburgo. Contemporâneos amigos, entretanto, dissuadiram-no de emigrar e ofereceram-lhe uma cadeira de “física” na Universidade. Nesta, Scheuchzer não apenas continuou o trabalho de seu compatriota Conrad Gesner no estudo da história natural, mas seria também responsável pela abolição em Zurique da pena de morte que até então havia sido aplicada para supostos crimes de bruxaria. O primeiro livro de Scheuchzer foi publicado em 1702, *Specimen lithologiae helveticae* (*Espécimes das rochas helvéticas*), onde ele ainda considerava os fósseis como “brincadeiras da natureza”. Sob a influência de Woodward, cujo trabalho Scheuchzer traduzira para o latim, tornou-se um ardente defensor do Dilúvio Universal como gerador dos fósseis. Em 1708, em seu livro *Piscium vindiciae et querelae* (*Vindicação e querela acerca dos peixes*), descreve e ilustra vários fósseis de peixes, atribuindo-lhes o nome e defendendo-os da dureza do coração humano: não só eles foram vítimas inocentes da sina da humanidade, perecendo durante o Dilúvio, mas tiveram ainda que sofrer com a cegueira dos homens, que não quiseram reconhecê-los como os restos de seres vivos anteriores, criando as mais extravagantes explicações para a existência dos fósseis. Em 1721, publica *Physica sacra Jobi* (*A física sagrada de Jó*) e em 1723 seu livro

mais famoso, *Herbarium diluvianum* (*Herbário do Dilúvio*), onde ilustra, em 14 pranchas (cada uma delas dedicada a alguma personalidade contemporânea famosa, entre elas Isaac Newton, John Woodward, Antonio Vallisnieri e Hermann Boerhaave), vários fósseis de plantas (classificados de acordo com o sistema de Tournefort) além de minerais, animais e alguns artefatos (dois deles com figuras humanas) que ele ainda atribui a “brincadeiras da natureza”; no apêndice a esse trabalho (p. 63-119), apresenta uma lista ampliada de todos os fósseis de plantas conhecidos nas coleções da Europa, extraindo a informação seja diretamente das coleções, seja de trabalhos de outros autores. Notando que quase todas as plantas preservadas como fósseis eram jovens e tenras, Scheuchzer postula que o Dilúvio de Noé ocorreu, sem dúvida, durante o mês de maio! Entretanto, sua descoberta mais notável foi realizada nas galerias públicas da cidade de Altdorf. Ai ele encontra um fóssil que ele atribui a um homem – um dos antigos pecadores dizimados pelo Dilúvio. Posteriormente, em Oeningen, descobre outro esqueleto fóssil, também considerado por ele como pertencente a um “pecador antigo”. Em 1726, tem o prazer de publicar um panfleto, descrevendo o “pecador antigo” – o celebrado *Homo Diluvii Testis* (*O homem testemunha do Dilúvio*). Nesse trabalho encontra-se a prova última de que as antigas teorias acerca dos fósseis estavam erradas – finalmente havia sido encontrado um fóssil de homem, um pecador que tinha experimentado a justiça divina, um dos homens afogados durante o Dilúvio Universal, preservado na pedra como as outras plantas e animais. O Dilúvio ocorrera, segundo Scheuchzer, 4032 anos antes que aquela publicação. Finalmente, de 1731 a 1735, publica a *Biblia illustrata, quibus res naturalia in Scriptura Sacra occurrentes exhibentur* (Viena, 5 vols. in-folio, com 650 pranchas magníficas) (*Biblia ilustrada, na qual se exibem as coisas naturais que ocorrem nas Sagradas Escrituras*). Posteriormente foi demonstrado pelo barão Cuvier que o fóssil do “pecador antigo” encontrado por Scheuchzer não era mais do que uma salamandra gigante, que recebeu o nome sarcástico de “*Andrias scheuchzeri*” (“o homem de Scheuchzer”). O espécime original de Scheuchzer encontra-se agora no Teyler Museum, em Haarlem (Papavero & Pujol-Luz, 1999, p. 21-2; Papavero, Pujol-Luz & Llorente-Bousquets, 2001b, p. 31-4).

24 Sobre Donati, cf. a nota 15.

25 Sobre Buffon, cf. a nota 14.

26 A interpretação que von Hüpsch faz do texto de Plutarco não é exata, pois neste último lê-se:

E chegando a Alexandria, ele [Antônio] encontrou Cleópatra ocupada numa empresa audaciosa e maravilhosa. Sobre o pequeno espaço de terra que divide o Mar Vermelho do mar próximo do Egito, que também pode ser considerado o limite entre a Ásia e a África, e que no lugar mais estreito não ultrapassa sessenta quilômetros, sobre essa tripa de terra Cleópatra tinha formado o projeto de arrastar sua frota e fazê-la flutuar no Golfo Árabe [grifo nosso], de modo a com seus soldados e seu tesouro assegurar um lar do outro lado, onde pudesse viver em paz distante da guerra e da escravidão. Mas as primeiras galeras atravessadas foram queimadas pelos árabes de Petra, e não sabendo Antônio de que o exército diante de Actium ainda se mantinha unido, ela desistiu de sua empresa e deu ordens para que se fortificassem todos os acessos ao Egito.

27 Para uma boa história da suposta ilha de Atlantis, cf. Sprague de Camp, 1970.

28 Os textos originais de Platão (cf. Sprague de Camp, 1970) acerca de Atlantis encontram-se em *Timeu*, 20D, 23B, 24D, 25E, 26A, 26C; *Critias*, 108E, 109C, 110C, 111A, 111E, 113A, 113C, 115C, 117A, 118A, 118C, 118E, 119C, 120D.

29 Marsílio Ficino nasceu em Figline, uma pequena cidade situada entre Arezzo e Florença em 19 de outubro de 1433, descendendo de uma família da pequena nobreza. Um de seus tios era médico e seu pai se preparava para seguir a carreira médica no ano do nascimento de Marsílio. Em 1458, encontramos “maestro Ficino” como proprietário de uma casa em Florença e como médico particular de Cósimo de Médici. É interessante notar que o nome da família era originalmente Diotefeci e que foi o pai de Marsílio que tomou o diminutivo daquele nome (“Diotefecino”)

transformando-o em “Ficino”. Marsílio começou seus estudos no Colégio Eugenio de Florença, aprendendo música e gramática. A seguir, foi estudar em Pisa. De 1459 a 1462 cursou medicina na Universidade de Bolonha, forçado por seu pai. Interessou-se desde cedo pelos escritos dos gregos antigos, tendo formado suas primeiras noções de Platão nos trabalhos de Santo Agostinho e Santo Tomás de Aquino. Iniciou então os estudos de grego e escreveu, antes de estudar medicina, o *Institutiones Platonicæ* (1456) (*Instituições platônicas*) e *De Voluptate* (1457) (*Da volúpia*). Entrementes, Cósimo de Médici, ouvindo as aulas de Gemistos Plethon sobre Platão e sua filosofia, entusiasmou-se a tal ponto pelo velho filósofo que decidiu estimular traduções para o latim de todos os trabalhos de Platão. Marsílio Ficino, tendo completado o curso de medicina em 1462, foi colocado sob a proteção de Cósimo e foi encarregado na tarefa hercúlea da tradução, que começou a ser feita na Academia Platônica. A Academia situava-se numa das vilas dos Médicis em Careggi, nos arredores de Florença, contando com uma rica coleção de manuscritos gregos. Em 1464, Marsílio pôde apresentar a seu protetor uma tradução latina de dez diálogos platônicos, entre eles *Parmênides* e *Philebo*. Nesse mesmo ano, entretanto, Cósimo morreu, sendo sucedido por Piero. O trabalho de tradução continuou no governo de Piero de Médici e, por volta de 1466, 23 diálogos tinham sido traduzidos. Nesse ano, Marsílio interrompeu a série de traduções latinas, traduzindo para o toscano o *De monarchia* (*Da monarquia*) de Dante Alighieri. A tradução dos diálogos de Platão foi completada em 1470, no governo de Lorenzo, o Magnífico, que tinha sucedido Piero, falecido em 1469. Entretanto, foi somente em 1484 que seriam impressas as traduções latinas dos trabalhos de Platão que foram amplamente usadas por toda a Europa até o século XVIII. Em 1473, Marsílio Ficino foi ordenado padre e nomeado para a catedral de Florença. Além das traduções, Ficino escreveu *De amore*, 1469 (*Do amor*), *Liber de christiana religione*, 1474 (*Livro da religião cristã*), *Contra indicia astrologorum*, 1477 (*Contra os indícios dos astrólogos*) e *Theologia platonica*, 1482 (*Teologia platônica*). Também compôs dois livros médicos: *Consiglio contro la peste*, 1480 (*Conselho contra a peste*) e *De vita libri tres*, 1489 (*Da vida em três livros*). Entre 1486 e 1489, traduziu trabalhos de Porfírio e Iâmblico. Em 1492, foi publicada sua tradução da *Enneada* de Plotino. Em 1494, os Médicis foram expulsos de Florença e Ficino mudou-se para o campo. Morreu em 1º de outubro de 1494. (Cf. Papavero, 1991, p. 19-21; Papavero, Llorente-Bousquets & Espinosa-Organista, 1995b, p. 17-20).

30 Na *Geografia* de Estrabão (1881) encontramos as seguintes passagens:

I, ii, 26: Eforos diz que os tartassianos relatam que os etíopes invadiram a Líbia até Diris e que alguns deles ficaram em Diris, enquanto os outros ocuparam uma grande parte do litoral...

I, iii, 20: Demétrio de Kalatis, em sua descrição de todos os terremotos que ocorreram por toda a Grécia, diz que a parte maior das ilhas Licades e de Kenaion foram engolfadas... E eles dizem também da Atlante próximo a Eubéia que suas porções médias, porque foram separadas, ganharam um canal, e que algumas das planícies foram inundadas numa distância de 20 estádios e que um barco trirreme foi atirado das docas sobre uma parede.

II, iii, 6: Por outro lado, Posidônio estabelece corretamente em seu trabalho o fato de que a terra algumas vezes se eleva e sofre processos de ajuste, e sofre mudanças que resultam de terremotos e outras causas similares, todas as quais enumerei acima. *E neste ponto ele faz bem em citar o enunciado de Platão de que é possível que a estória acerca da ilha de Atlântida não é uma ficção. Sobre Atlântida, Platão relata que Sólon, após ter indagado os sacerdotes egípcios, afirmou que Atlântida existiu, mas desapareceu – uma ilha que não era menor em tamanho a um continente; e Posidônio pensa que é melhor colocar a questão dessa maneira do que dizer de Atlântida: “seu inventor fez com que desaparecesse, assim como fez o Poeta da muralha dos Aqueus”* [Aristóteles]. E Posidônio também conjectura que a migração dos Cimbrios e seus outros povos de suas regiões nativas ocorreu como resultado de uma inundação do mar que veio repentinamente. [grifo nosso]

31 Referência a Plínio, *Historia naturalis*, II, xcii, onde se lê:

In totum abstullit terras primim omnium ubi Atlanticum mare est, si Platonis credimus, immenso spatio, mox interno quoque que videmus hodie, mersam Acarnaniam Ambracio sinu, Achaian

Corinthio, Europam Asiamque Propontide et Ponto. Ad hoc perrupit mare Leucada, Antirrhium, Hellespontum, Bosporos duos.

Casos de terras inteiramente roubadas pelo mar são, antes de tudo (se aceitarmos a estória de Platão), a vasta área coberta pelo Atlântico e, a seguir, nos mares interiores também, as áreas que vemos submergidas atualmente, Acarnania coberta pelo Golfo Ambraciano, Aquéia pelo Golfo de Corinto, Europa e Ásia pelo Mar de Marmara e o Mar Negro. Também foi o mar que fez os canais de Leucas, Antirrhium, os Dardanelos e os dois Bósforos. (Plínio, 1967, p. 334-7)

32 Em seu *Sobre o manto (De pallio)* Quintus Septimus Florens Tertullianus diz:

ii. Mesmo agora a forma [da terra] sofre mutações locais, quando algum ponto é arruinado; quando entre suas ilhas não se encontra mais Delos, Samos é um monte de areia, a Sibila não se mostra mentirosa; quando no Atlântico a ilha de igual tamanho que a Líbia ou a Ásia é procurada em vão; quando anteriormente o lado da Itália, afastada no centro pelo choque violento dos mares Adriático e Tirreno, deixa a Sicília como uma de suas relíquias... (Tertuliano, n. d.) [grifo nosso]

33 Isaac Vossius, escritor e professor holandês, nascido em Leiden em 1618, falecido em 1689. Quando tinha 21 anos de idade, recusou a cadeira de história que tinha ficado vaga com a morte de seu pai e foi para a Suécia a convite da rainha Cristina, que o nomeou bibliotecário e professor de literatura grega. Em virtude talvez de alguma transação desonesta na aquisição de livros, caiu em desgraça e teve que ir para a Inglaterra, onde foi gentilmente recebido pelo rei Carlos II, que o nomeou cânone de Windsor. Seus principais trabalhos são os seguintes: *De vera mundi aetate*, The Hague, 1659 (*Da verdadeira idade do mundo*); *De Septuaginta interpretibus eorumque translatione et chronologia*, The Hague, 1661 (*Sobre os setenta tradutores e sua transmissão e cronologia*); *De lucis natura et ventorum*, The Hague, 1663 (*Da natureza da luz e dos ventos*); *De Nili et aliorum fluminum origine*, The Hague, 1666 (*Da origem do Nilo e de outros rios*), onde explica a cheia do Nilo pelas chuvas da Etiópia; *De poematum cantu et viribus rhythmici*, Oxford, 1673 (*Sobre a melodia dos poemas e as virtudes do ritmo*); *De sybyllinis aliisque oraculis*, Oxford, 1679 (*Da sibila e de outros oráculos*); *Observationes ad Pomponium Melam appendix*, Londres, 1686 (*Observações ao apêndice de Pomponius Mela*); ele publicou também algumas edições muito estimadas de Justinus (Leiden, 1690), Pomponius Mela (The Hague, 1658), Catulo (Londres, 1684) e comentários da *Historia naturalis (História natural)* de Plínio.

34 Gerhard Mercator, célebre geógrafo holandês, nascido em Rupelmonde em 1512 e falecido em 1594. Ao entrar ao serviço de Carlos V em 1541, construiu para o monarca dois globos, um celeste, o outro terrestre, o que despertou a admiração de seus contemporâneos e que infelizmente foram destruídos durante as guerras dos Países Baixos. Por volta de 1549, foi viver em Duisburg e posteriormente recebeu o título de cosmógrafo do duque de Juliers. Compôs uma grande número de mapas geográficos e é conhecido pelo sistema de projeção que leva seu nome, que foi empregado por ele pela primeira vez em 1569. No final da vida, dedicou-se às especulações teológicas, publicou vários tratados sobre o assunto, alguns dos quais foram incluídos no *Index librorum prohibitorum (Índice dos livros proibidos)*. Seus principais trabalhos são os seguintes: *De usu annuli astronomici*, Louvain, 1552 (*Do uso dos anuários astronômicos*); *Chronologia a mundi exordio ad annum 1568*, Colônia, 1558 (*Cronologia do mundo no início do ano 1568*); *Tabulae geographicae ad mentem Ptolomaei restitutae*, Colônia, 1578 (*Tábuas geográficas reconstituídas segundo a intenção de Ptolomeu*); *Atlas, sive geographicae meditationes de fabrica mundi*, Duisburg, 1595 (*Atlas, ou meditações geográficas sobre a constituição do mundo*).

35 Rajius, nome latinizado de John Ray (cujo nome também foi escrito, até 1670, Wray) nasceu e morreu no vilarejo de Black Notley, Essex, Inglaterra, respectivamente em 29 de novembro de 1627 e 17 de janeiro de 1705. Ray era o filho de um ferreiro do vilarejo de Black Notley. Seus primeiros estudos foram feitos na escola primária de Brintree, perto de sua cidade natal. Teve a sorte de poder contar, naquela época, com bolsas para estudantes pobres na Universidade de Cambridge. Em 1644, entrou para um dos colégios daquela universidade. Muito cedo encontrou um amplo círculo de amigos e dedicou-se aos estudos anatômicos e químicos. Graduou-se em 1648 e foi eleito membro

do Colégio Trinity no ano seguinte. Durante os 13 anos seguintes viveu em paz; tranquilidade que terminou abruptamente com a Restauração. Embora nunca tenha tido participação política, era profundamente puritano e recusou-se a aderir ao Ato de Uniformidade. Por isso, em 1662, perdeu sua posição no Colégio Trinity. Apesar disso, alguns amigos e estudantes prósperos o mantiveram pelos 43 anos seguintes, tempo durante o qual dedicou-se à carreira de naturalista, a qual se iniciou em 1660, quando publicou seu primeiro trabalho, um catálogo de plantas dos arredores de Cambridge; trabalhou nesse catálogo por nove anos, ao mesmo tempo em que se instruiu na história natural. Após ter exaurido a área de Cambridge, Ray começou sua exploração do resto da Inglaterra. A expedição de 1662 a Wales e Cornwall, feita em conjunto com Francis Willughby logo depois de ser despedido do Colégio Trinity, foi o início de uma nova vida. Willughby, que pertencia a uma família rica de Warwickshire, inflamou-se pelo entusiasmo de Ray pela história natural enquanto ainda era estudante em Trinity. Decidiram então empreender um estudo completo da história natural dos seres vivos, Ray encarregando-se das plantas e Willughby dos animais. Estava implícito que Willughby sustentaria materialmente John Ray. Como um primeiro fruto dessa associação, empreenderam uma viagem pela Europa de 1663 a 1666. Ray foi assim capaz de aumentar consideravelmente seu conhecimento de primeira mão da flora e da fauna. De volta à Inglaterra, os dois amigos começaram a trabalhar em suas respectivas tarefas, e Ray passou a ficar cada vez mais na casa de Willughby até que acabou por ali residir permanentemente. Em 1670, publicou o *Catalogus Plantarum Anglicae*. Em 1672, Willughby morreu repentinamente. Ray decidiu então completar o projeto que eles haviam determinado empreender. Willughby tinha deixado para Ray uma pensão de 60 pounds, nomeando-o tutor de seus filhos. Em 1676, Ray publica *Willughbeii Ornithologia (A ornitologia de Willughby)*, publicado em 1678 em inglês, dando como autor somente o nome do amigo, embora tivesse contribuído de modo significativo para completar o trabalho. Ray tinha começado a trabalhar em outro livro, *Willughbeii de historia piscium (Da história dos peixes de Willughby)*, quando faleceu a mãe de Willughby, único membro da família que se tinha disposto a aceitar Ray na casa. A viúva de Willughby, que nunca tinha aceitado Ray e seu trabalho, expulsou-o de sua casa e recusou-se a pagar a publicação da *História dos peixes*. A Sociedade Real, da qual Ray era membro, financiou a edição. Ray voltou então para sua cidade natal, casando-se em 1673 com Margaret Oakley, jovem empregada da casa dos Willughby, com quem teve duas filhas. Ray logo restabeleceu um novo grupo de amigos da nova geração de cientistas. Embora não vivesse exatamente na pobreza, certamente as condições eram duras e agora, com 60 anos, vivendo distante de qualquer biblioteca, atormentado por úlceras nas pernas e diarreias recorrentes, ele ainda produziu uma quantidade admirável de trabalhos científicos, sem jamais interromper sua carreira de botânico. Em 1682, publicou o *Methodus plantarum nova (Novo método das plantas)*, republicado em 1703 como *Methodus plantarum emendata (Emenda ao método das plantas)*, no qual propõe um novo sistema de classificação para as plantas. Baseado em seu novo sistema, escreveu a gigantesca *História das plantas (Historia plantarum)*, em três enormes volumes, compreendendo 33 classes. O primeiro volume trata de 3.560 espécies, o segundo de 3.320 e o terceiro de 11.775. Com relação à zoologia, produziu a *Synopsis methodica avium et pescium (Sinopse metódica das aves e dos peixes)*, publicado postumamente em 1713, e a *Synopsis methodica animalium quadrupedum et serpentini generis (Sinopse metódica dos animais quadrúpedes e das serpentes)*, publicado em 1693. Durante os últimos dez anos de sua vida, dedicou-se ao estudo dos insetos, compilando o trabalho *Historia insectorum (História dos insetos)*, também este publicado postumamente.

Ray sempre declarou: “a divindade é minha profissão”. Nos anos 60 tinha publicado três volumes sobre religião. Em 1691, publica o famoso *The wisdom of God manifested in the works of Creation (A sabedoria de Deus manifestada nos trabalhos da Criação)*, um ensaio sobre religião natural, em que utilizou todo o seu variado conhecimento de história natural em apoio a teses teológicas. Ainda trabalhava no *Historia insectorum* quando morreu, com a idade de 77 anos (cf. Raven, 1942; Papavero & Pujol-Luz, 1997, p. 115-8; Papavero, Pujol-Luz & Llorente-Bousquets, 2001a, p. 116-9). Para um apanhado de seu *Três discursos físico-teológicos (Three physico-theological discourses)*, de 1693, onde trata dos fósseis, cf. Papavero & Pujol-Luz, 1997, p. 203-8; Papavero, Pujol-Luz & Llorente-Bousquets, 2001a, p. 273-8.

**36** Adrien Turnèbe, latinizado para Turnebus, nascido em Andelys em 1512, falecido em Paris em 1565. Após completar seus estudos em Paris tornou-se professor na Universidade de Toulouse, devido à proteção de seu amigo Odet de Châtillon, então arcebispo daquela cidade. Em 1547, foi chamado de volta a Paris, onde ensinou literatura grega e latina e, de 1561 em diante, filosofia grega. A partir de 1552, foi encarregado da supervisão dos livros gregos impres-

tos na *Imprimerie Royale*. Adquiriu ampla reputação na Europa por sua capacidade como professor e estudioso. Seus comentários e traduções dos clássicos foram reunidos nos seguintes trabalhos: *Adriani Turnebi, regii philosophiae professoris, Adversariorum tomus primus duodecim libros continens*, Paris, 1564 (*Primeiro tomo dos adversários contendo doze livros de Adriano Turnêbe, professor de filosofia do rei*); *Tomus secundus duodecim libros continens*, Paris, 1565 (*Tomo segundo contendo doze livros*); e *Adversariorum libri triginta in três tomos divisi*, Paris, 1580 (*Trinta livros dos adversários divididos em três tomos*); a terceira parte foi publicada por seu filho como *Viri clarissimi Adr. Turnebi, regii quondam professoris, Opera*, Paris, 1600 (*Obra de Adr. Turnêbe, homem excelente também professor real*).

37 Sprague de Camp (1970, p. 17) observa que “o único comentário de Aristóteles acerca da estória de Atlântida de seu mestre [Platão] estava em uma obra perdida, citada por Estrabão, na qual ele ironicamente disse que Homero, em vista da intriga, foi obrigado primeiro a levantar o muro dos Aqueus sobre seus navios na praia de Tróia e então a derrubá-lo, do mesmo modo no caso de Atlântida, ‘aquele que a inventou também a destruiu’”.

38 Segundo Sprague de Camp (1970, p. 14): “Diodoro de Sicília conta uma longa estória sobre as amazonas do norte da África (que ele distingue cuidadosamente das amazonas asiáticas de Homero) que habitavam na ilha Hespera na pantanosa Tritonis, e sua rainha Myrina que conquistou a vizinha Atlântida e os inimigos destes últimos, os Gorgons. Segundo este historiador prolixo mas pouco crítico do primeiro século, os Atlântidas afirmavam que Atlas, um filho do deus mais velho Urano, deu seu nome tanto ao Monte Atlas como a eles próprios. Posteriormente, acrescentavam, Heracles exterminou tanto os Gorgons como as amazonas africanas e o pântano tritônico desapareceu como resultado de um terremoto.”